

Representações da infância na novela das 6h:

um debate sobre a programação cultural para a criança no âmbito da TV brasileira¹

Isabel OROFINO²

RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão sobre a audiência infantil, o consumo cultural das crianças em relação à programação televisiva, com ênfase para o papel da telenovela na formação do público em questão. Apresenta-se de reflexão teórica sobre estudos de televisão e infância com o foco para os modos de endereçamento ao público infantil na telenovela *Amor eterno amor* (Rede Globo, 2012). Discute-se também o lugar social da criança nas sociedades contemporâneas a partir das mudanças na ordem do consumo de tecnologias de comunicação e informação e os direitos das crianças frente a uma programação de televisão de qualidade, criada e produzida para elas.

PALAVRAS-CHAVE: criança; televisão; telenovela; representações sociais.

Introdução

A infância enquanto experiência social continua marcada pela diversidade e pluralidade. Porém, em grande medida, a criança de hoje (sobretudo aquela que vive nos centros urbanos) tem um consumo cultural diversificado cujo acesso de dá a partir de diferentes suportes de tecnologia digital. Neste novo cenário, a televisão disputa espaço com um amplo acesso ao telefone celular, muito mais do que ao computador. Os aparelhos celulares, quase sempre personalizados, são portados por crianças e poderiam ser equiparados ao objeto transicional de Winnicott, pois são carregados como se fosse um bichinho de estimação eletrônico, “tipo” *Tamagotchi*³. A criança de hoje (em diferentes contextos

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo/PPGCOM/ESPM SP, email: iorofino@espm.br.

³ *Tamagotchi* é um brinquedo eletrônico japonês, lançado em 1996, e que simula um bichinho de estimação virtual que reclama cuidados a todo instante ao qual a criança precisa dedicar atenção ao suprir suas necessidades.

culturais e sociais, mas em especial nos centros urbanos) brinca com seu celular, gosta de joguinhos, baixa ou copia músicas, fotografa e com menor frequência envia torpedos e faz ligações (pois estes têm custo). A criança brinca e manipula imagens e faz vídeos em seu dia-a-dia. A materialidade de base microeletrônica e digital já atingiu o universo lúdico das crianças e seus brinquedos há uns bons 20 anos, desde o surgimento do videogame. Mas é certo que na atualidade os aparelhos eletrônicos de comunicação e informação (as TICs) se popularizaram e diversificaram de tal forma que grande parte da população brasileira tem acesso a estes dispositivos. É pelas vias do telefone celular que a criança brasileira de classes populares vive a vida digital. E não pelas vias do computador doméstico, o *notebook* ou o *tablet*.

No entanto o amplo acesso ao telefone celular não garante uma inclusão digital de fato. Pois, se na residência familiar o acesso ao computador e à internet ainda é restrito, esta carência limita a possibilidade da criança de participar da sociedade de redes. E o telefone celular é de fato muito mais um “brinquedo” do que um meio de comunicação pois as crianças pobres raramente usam o SMS e chamadas, pois elas têm a consciência de que estas operações resultam em uma conta a ser paga pelos pais. Este artigo apresenta alguns dos resultados que obtivemos com a realização de uma pesquisa empírica com crianças de classes populares na cidade de São Paulo.

A pesquisa nos mostrou também que neste contexto de mudanças de materialidades, a televisão ainda continua sendo o meio de comunicação mais frequentado pelas crianças. Mesmo com o advento da comunicação em redes e da internet sem fio, o computador ainda não alcança a maioria dos lares brasileiros, o que confirma que em um país de dimensões continentais como o Brasil, a televisão continua a exercer o seu papel fundamental.

Neste artigo vamos propor uma reflexão sobre a importância da televisão brasileira no consumo cultural de milhões de crianças e adolescente espalhados por todos os recantos do país. A TV continua a ser aquela caixa com imagens e sons, presente em tempo integral, um feixe de luz, o contador de histórias, o informante, o centro das atenções, o fogo de chão no centro da roda no âmbito da ritualidade e cotidianidade familiar (Martín-Barbero, 2002).

Mas o que podemos falar sobre a programação televisiva para a criança no Brasil hoje? Qual a audiência, qual o acesso, o que preferem as crianças? É certo que este artigo não dará conta de responder a estas questões, mas elas permanecem como pano de fundo na discussão. Buscamos pontualmente refletir sobre este problema a partir da análise de um único produto da TV brasileira, a telenovela *Amor eterno amor* (Rede Globo, 2012) e suas representações da infância com base na observação diária e sistemática da sua programação. Os dados sobre o consumo cultural das crianças tomam como referência um estudo realizado pela autora no ano de 2010/11 que contou com a participação de 36 crianças moradoras de uma comunidade nas margens da cidade de São Paulo, na Brasilândia.

O lugar social da criança, ou em defesa de uma programação para as crianças

Como destacamos em outros textos (Orofino, 2010; Orofino 2012) a criança é historicamente classificada como *infante*, que na raiz etimológica da palavra significa aquele que não fala. A exclusão de um lugar de fala para a criança já se coloca na relação de alteridade a partir da própria linguagem verbal, como signo de diferença. Em seu livro *Crescer na era das mídias*, o pesquisador David Buckingham (2007) comenta a chamada “morte da infância”. Uma espécie de consenso no âmbito da teoria social da mídia com o foco na infância que advoga que, diante de tanta exposição ao mundo midiático dos adultos e de tanta produção de informação e práticas de comunicação que não foram idealizadas para elas, as crianças estariam submetidas a um ambiente novo, em que o tempo da imaturidade, da inocência e da dependência foi comprimido. Diante desta crise conceitual, que em grande medida pode ser somada às crises paradigmáticas do contemporâneo impelidas pela emergência da pós-modernidade, Buckingham fala que:

“Não parece incorreto definir a infância como uma ideia essencialmente moderna. (...) A separação entre adultos e crianças começou na Renascença e ganhou força com a expansão da industrialização capitalista com o seu confinamento em instituições obrigatórias.” (2007:52).

Outro autor interessante e que traz enorme contribuição para este debate é Bernad Charlot. Ele destaca que, mesmo com tantas mudanças culturais, a sociedade continua adultocêntrica e em larga medida exclui a criança do mundo adulto e a classifica como uma condição de seres pré-sociais (Charlot, 1986:112). E isto vem também carregado de preconceitos dos

adultos com relação às crianças que são conceituadas como se não fossem de fato seres humanos (são muitas vezes chamadas de monstros, pestinhas capazes de crueldades). Charlot destaca também que outra justificativa para a submissão da criança ao universo do adulto é que o desenvolvimento fisiológico da criança remete à ideia de natureza, o que mantém a confusão entre as noções de natureza humana e de natureza, no sentido biológico do termo. Enfim, o tema do tempo e o da natureza se junta novamente numa problemática da origem que se beneficia da ambiguidade da ideia de natureza: a infância, origem individual do homem, representa igualmente o estado originário da humanidade e exprime assim os traços essenciais da natureza humana. (...) e estas são significações ideológicas. (op.cit.: 101).

Em defesa dos direitos das crianças frente às mídias

“(...) o adulto é apenas o que é; enquanto a criança, nisto superior ao adulto, é tudo o que poderá tornar-se”.

Bernad Charlot (1979:102).

Bernard Charlot oferece uma leitura dialética da infância que nos ajuda a localizar os limites de nossas representações. O autor nos desafia a problematizar o conceito de infância a partir de uma leitura marcada por tensões permanentes as quais muitos sociólogos falham em observar. Sob o ponto de vista da educação escolar, o autor discute que a concepção burguesa de infância ainda é hegemônica no momento histórico em que vivemos. A teoria da educação, por exemplo, não é fundamentalmente uma teoria da infância. É essencialmente uma teoria da cultura e de suas relações com a natureza humana. Por isso a pedagogia não considera a educação a partir da criança, mas a criança a partir da educação concebida como cultura; a imagem da criança traduz a concepção da natureza humana, de seus desdobramentos e de sua cultura. (Charlot: 1979: 99). O autor defende a hipótese de que a ideia de criança deve ser uma ideia contraditória. E nós não tomamos consciência direta dessas discordâncias. Charlot irá discorrer sobre um elenco de contradições presentes em nossas representações sociais da infância que podem ser

resumidos nos seguintes antagonismos: a criança é inocente e má; a criança é perfeita e imperfeita; a criança é dependente e independente; a criança é herdeira e inovadora.

O autor expõe um elenco de exemplos que definem as ambiguidades destacadas por contradições como, por exemplo: a criança é direta e franca e fala de seus sentimentos sem os desvios de um adulto, por outro lado a criança reproduz os estereótipos e os clichês. A criança é fraca, frágil, pequena, por outro lado é teimosa, respondona e oponente. A criança é terna e se agrada dos fracos, dos animais, por outro lado é agressiva. A criança é instável, por outro lado tem necessidade de estabilidade. Mesmo que sejam socializadas em determinado contexto sócio-histórico, as crianças desejam energicamente a sua autonomia, sua originalidade, sua especificidade. Mas afirmam-nas reproduzindo constantemente os modelos que lhes oferecem os adultos e as sociedades de adultos. Charlot destaca também que a criança é dependente e independente. Sem o adulto ela não é nada; entretanto a criança julga sem cessar o adulto. A criança é também esse jovem déspota que tiraniza o adulto e o sujeita a todos os seus caprichos. E dirige ao adulto certo número de solicitações, de início essencialmente vital e inconsciente, depois cada vez mais afetivo, social e consciente (op. cit: 103).

E por fim, a criança é herdeira e inovadora. “A criança é a imagem do passado e evoca no adulto o seu próprio passado. A criança é também a imagem do futuro e evoca o futuro limitado do adulto”. O interessante na proposta de Bernard Charlot é o modo como constrói um conceito de infância que é sempre relacional, como ele fala bi-lateral, afinal é sempre em relação ao outro que construímos uma representação identitária. Estas ambiguidades não são naturais. Elas são construções sociais e históricas que na identidade social da criança falam dos modos como os adultos interpretam as relações com a infância. A imagem da criança é, portanto um reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. A criança define-se assim, ela própria com referência ao que o adulto e a sociedade esperam dela. Esta relação é um espelho do que os adultos e as sociedades querem, eles próprios. Um jogo de projeções daquilo que os adultos gostariam de ser, eles mesmos. (op. cit. 103)

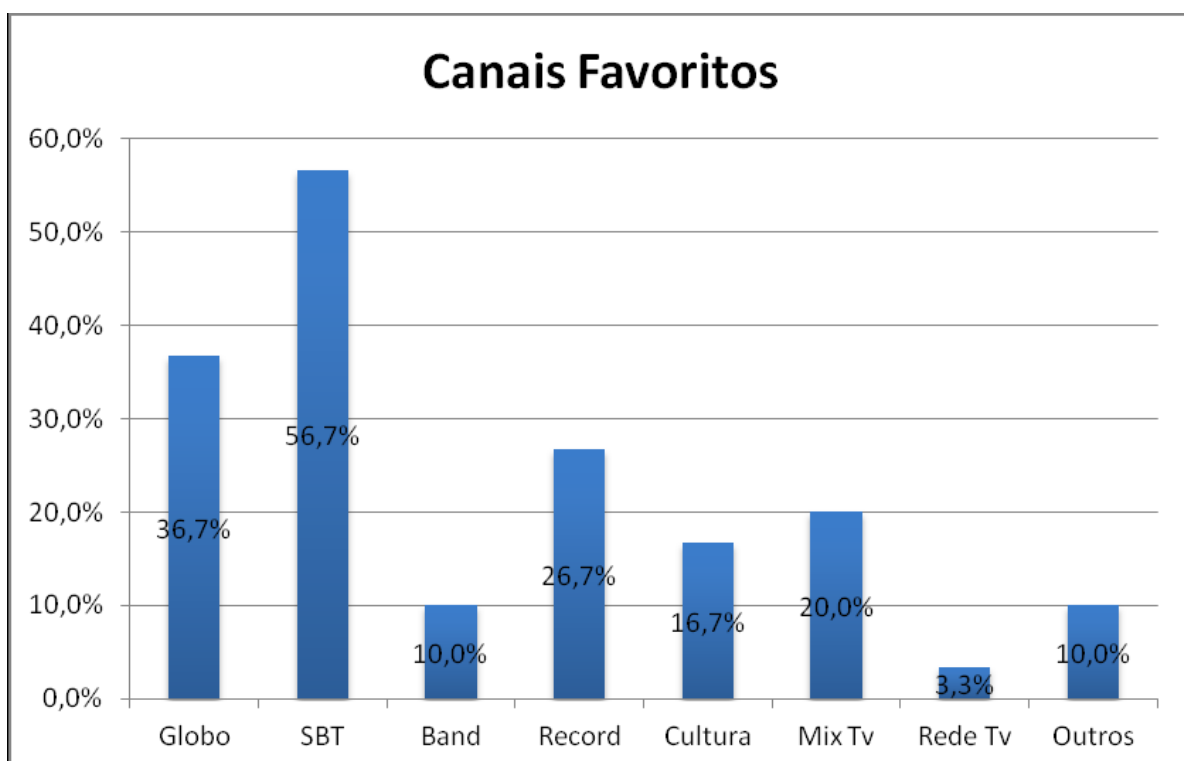
A criança e o consumo de TV: as ofertas da grade de programação

O interessante é pensarmos que neste contexto de exclusão geracional, raras tem sido as iniciativas que consideram o lugar social da criança frente às mídias. Assistimos a uma

programação que na maioria das vezes não considera esta público com alvo preferencial, por uma série de motivos, dentre eles o fato de as crianças não terem poder aquisitivo e não se caracterizar como um mercado consumidor em potencial.

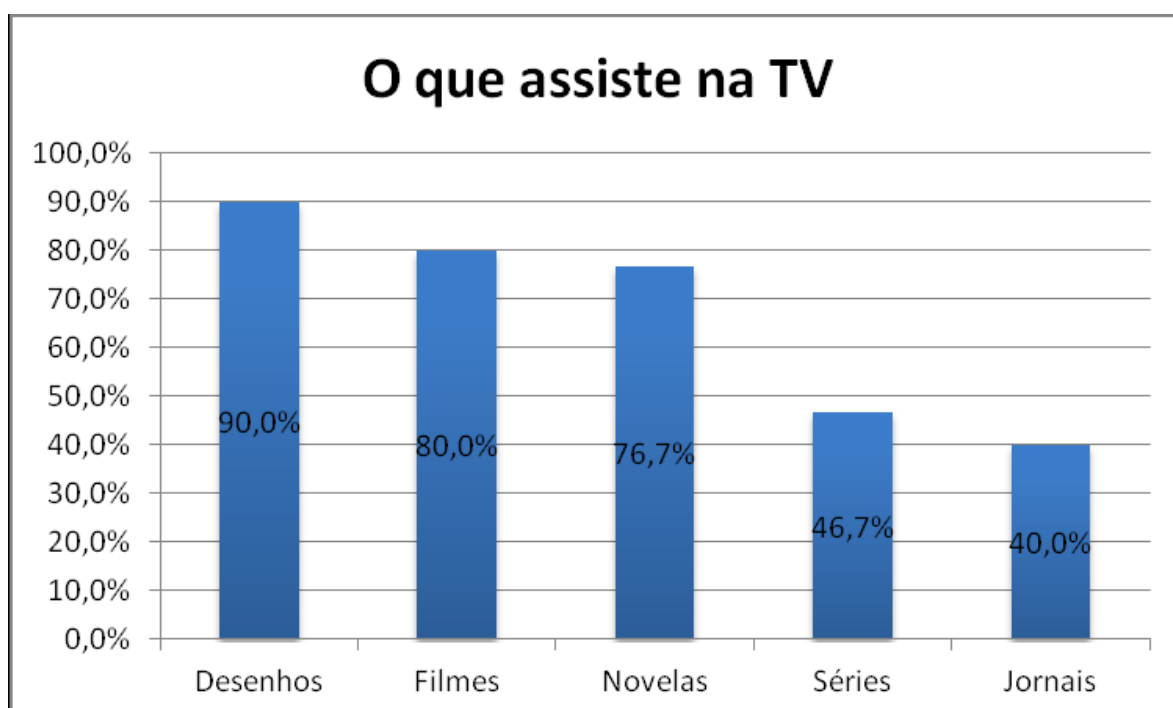
Mesmo em um contexto de ampliação do acesso às tecnologias digitais e de consumo de novas tecnologias a “velha” a TV continua a exercer um papel muito importante na formação cultural da infância e juventude brasileiras. Com base em nossa experiência de pesquisa de campo com crianças da comunidade do Morro Grande, cujos dados foram recolhidos no ano de 2010 foi possível verificar que, no âmbito de uma cultura de classe popular, o consumo cultural diversifica-se com a presença de telefones celulares e de *lan houses*, computadores nas escolas. No entanto, no contexto da família a televisão continua a ser o meio mais assistido. Segundo relato das crianças a televisão e a telenovela fazem parte do cotidiano da casa e da família, permanecendo ligada por longas horas e se constituindo como lugar da ritualidade, do conforto, do aconchego materno e da reiteração do sentido de família.

No conjunto de depoimentos que pudemos recolher boa parte das crianças afirmou assistir ao SBT e assim declarou a sua preferência.



Isto é fácil de compreender. A Rede Globo de TV não possui hoje uma programação para a criança. Há algumas semanas, com a estreia do programa *Encontros*, com Fátima Bernardes que tirou do ar o *TV Globinho* (sessão de desenhos animados em sua maioria japoneses), a grade de programação da manhã está agora majoritariamente orientada para o público adulto. No período vespertino, há apenas a *Sessão da Tarde* com filmes em sua maioria estadunidenses e o seriado *Malhação* que se destina ao público adolescente. Deste modo, podemos afirmar que a programação para criança está completamente excluída.

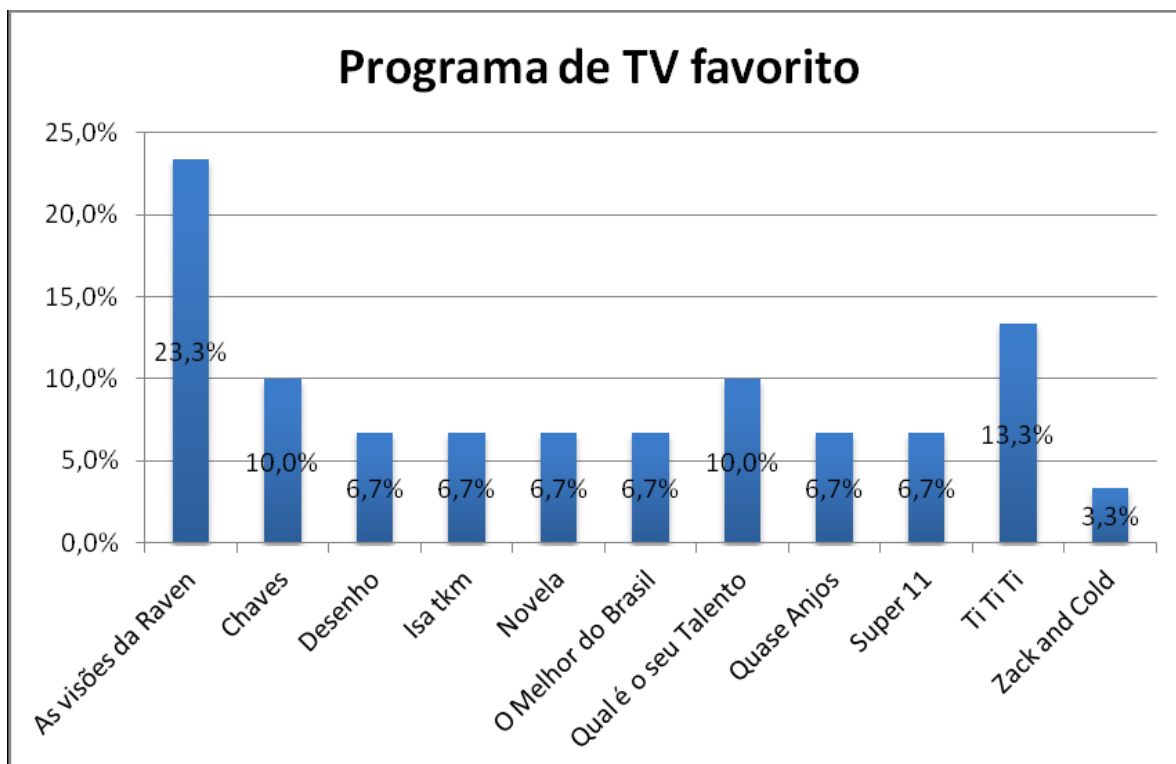
Ainda assim verificamos que a Rede Globo ocupa o segundo lugar junto às crianças com quem trabalhamos. Com uma preferência que aponta em primeiro lugar para os desenhos, o SBT atende mais diretamente a esta demanda. Mas os filmes de ficção e dramaturgia de TV são também bastante assistidos.



Dentre as crianças entrevistadas quase 80% afirmaram gostar de telenovela. Com isto constata-se que, com a escassez de uma programação desenhada para ela, a criança migra para uma oferta que a considera enquanto público-alvo apenas tangencialmente. Como pode a maior rede de televisão do Brasil simplesmente ter apagado a programação para a criança do ar? Será uma crise pós-Xuxa? Como se explica isso quando se trata daquela que é a

autora e produtora de *Sítio do Pica Pau Amarelo*, uma obra-prima da TV brasileira para o público infantil?

No conjunto dos programas preferidos destacou-se o título *As visões da Raven*, que vai ao ar pelo SBT no horário do almoço. Trata-se de um seriado que representa uma família negra de classe média nos Estados Unidos a partir das experiências escolares e cotidianas da menina Raven, uma garota de subúrbio que não tem alta renda, mas tem estilo, estética própria e graça corporal. A narrativa do cotidiano familiar de uma família de negros ecoa forte no contexto cultural da comunidade na qual trabalhamos uma vez que nas margens da cidade de São Paulo a grande maioria da população é “parda” (um termo no mínimo impreciso e recusável, mas que é a nomenclatura oficial do IBGE para definir a combinação multicultural brasileira, são pessoas mulatas em grande maioria, exatamente o “meio do caminho” difícil de definir entre o negro e o branco). Há pouquíssimas séries que tomam os negros como protagonistas, sobretudo de classe média. Percebe-se como realiza-se aí uma operação de reconhecimento do público na obra, pelas vias da identidade/identificação racial.

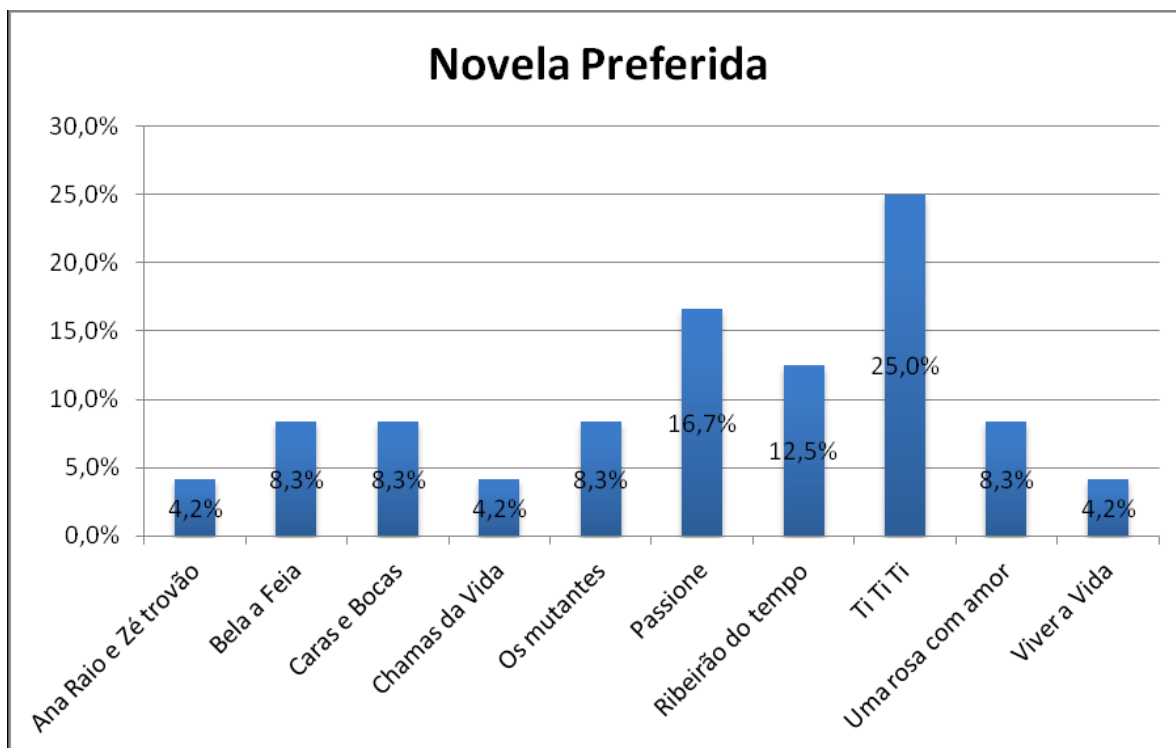


A telenovela e a criança

As crianças com quem trabalhamos declararam preferir os desenhos animados, mas elas são também uma audiência fiel à telenovela, ou melhor: à narrativa de ficção (televisiva e cinematográfica) construída com o trabalho do ator (dramaturgia). Isto nos leva a inferir que, se por um lado a Rede Globo de TV⁴ excluiu quase completamente o público infantil como alvo de preferência em sua grade de programação, a telenovela passa a despontar como um produto procurado pelas crianças uma vez que a emissora usa personagens infantis em destaque, é o que tem ocorrido na novela das 6h. As personagens infantis ocupam posição de destaque que configuram modos variados de endereçamento. Percebe-se aí uma resposta a uma demanda social que vem embutida em um produto que é desenhado para o público adulto.

Assim, a criança assiste à programação noturna junto com a família e acompanha as telenovelas brasileiras em seus diferentes canais e horários. Porém em uma forma de recepção que não é da escolha da criança, uma vez que nestes horários a escolha da programação não está sob o seu controle. Dentre os títulos das telenovelas mais citadas localizamos a preferência pela Rede Globo:

⁴ A Rede Globo de TV está em processo de lançamento de um novo canal a cabo totalmente orientado para o público infantil. O *Gloob*. Porém até o presente não nos foi possível monitorar este processo e verificar a sua programação.



As preferências citadas foram recolhidas de modo completamente aberto, a partir da memória da criança, em entrevista semiestruturada. Percebe-se uma alta referência à telenovela das 7h (*Ti Ti Ti* / Rede Globo, 2010) visto que a trama era muito divertida e a mesma estava no ar no momento da pesquisa. O mesmo se deve à novela das 9h, *Passione* (Rede Globo, 2010).

A novela das 6h

Neste contexto, a Rede Globo de TV vem apresentando modos de endereçamento ao público infantil a partir da teledramaturgia para os adultos, sobretudo no seu horário das seis horas da tarde, com aquela que no jargão popular é comumente referida como a novela das 6h. Há muitos anos que a Rede Globo não estabelece diferenciação alguma no seu padrão de qualidade em virtude do horário de veiculação do programa. Assim, a novela das 6h vem se destacando na programação brasileira como aquela que nasce com a adaptação da literatura brasileira conferindo uma produção de época (desde a *Escrava Isaura*; *Sinhá Moça*; *Cabocla*) até as produções mais recentes que tem pontuado a programação televisiva com sucessos retumbantes (por exemplo: *Chocolate com pimenta*; *Cordel Encantado* e *A vida da gente*). São experiências bem-sucedidas em termos de público e crítica e se

sucedem uma após a outra, demarcando um terreno em que o produto é muito bem desenhado para o horário e escrito para um público transgeracional que reúne sobretudo os idosos (os velhos) e as crianças. Pode-se dizer que a novelinha das 6hs tem preenchido o lugar de destaque no consumo cultural dos avós e netos.

Modos de endereçamento: a infância em *Amor eterno amor*

Para refletirmos acerca das representações sociais da infância na telenovela das 6h, cujo público-alvo é também a criança, partimos da observação de um de seus títulos recentes, *Amor eterno amor* (Rede Globo, 2012)⁵ com o objetivo de identificar uma simbologia emergente a partir desta textualidade em particular. A novela *Amor eterno amor* foi escrita por Elizabeth Jhin, com direção de Roberta Richards, Fábio Strazzer, Luciana Oliveira e Paulo Ghelli, direção-geral de Pedro Vasconcelos e direção de núcleo de Rogério Gomes. Segundo informação localizada na internet esta é a 79ª “novela das seis” exibida pela emissora⁶.

⁵ Segundo a sinopse da telenovela: “Aos 10 anos, Carlos fugiu do interior de Minas Gerais, cansado dos maus tratos do padrasto Virgílio, que o humilhava de todas as formas, e também explorava o seu dom especial de amansar os animais com um gesto ou olhar. Virgílio fez tudo isso para ganhar dinheiro. Na fuga, sozinho e perdido na estrada, o menino conheceu um caridoso caminhoneiro que o levou para a Ilha de Marajó, no Pará. Carlos acaba adotando o nome de Rodrigo, e passa a ser criado como filho desse caminhoneiro. Os anos se passaram. Carlos, isto é, Rodrigo, virou um homem atraente e conquistador, além de competente domador de búfalos. Conhecido nas redondezas pelo apelido de Barão, por sua inteligência e postura, é respeitado por todos, e perseguido pela apaixonada Valéria, filha de comerciantes locais, que não se conforma em não ter sua paixão correspondida. O coração de Carlos guarda a lembrança de um amor de infância: Elisa. Antes de fugir de casa, Carlos se apaixonou por sua vizinha, Elisa. Brincando juntos, se apaixonaram, e viveram um amor de criança, inocente, cheio de magia, e prometeram se amar para sempre e se casar um dia, quando ficassem adultos. Mas o destino separou os dois e, quando se reencontrarem, perceberão que muita coisa mudou e que talvez não possam ou não queiram ficar juntos como sonhavam. Na Cidade do Rio de Janeiro mora Verbena Borges, uma milionária bondosa, e viúva de um dos maiores empresários cariocas. Mesmo muito doente e perto de morrer, ela nunca desistiu de encontrar seu único filho, Carlos, que desapareceu à mais de 20 anos atrás. “Ela viveu em depressão esses anos todos, e por isso ficou muito mal de saúde”. Verbena nunca entendeu como o menino foi desaparecer, se foi sequestro ou se ele fugiu porque quis, e até hoje ela faz e tudo para achá-lo, e saber o motivo de seu desaparecimento, sem nem suspeitar que seu ex-marido, Virgílio teve haver com tudo isso. Quem não quer que Verbena reencontre o filho, por causa da herança, é sua irmã, a invejosa Melissa, e também o cunhado interesseiro Dimas, e o sobrinho mau-caráter Fernando. Na procura pelo seu herdeiro, Verbena conta também com a ajuda das duas filhas do seu médico, Dr. Gabriel: Clara, uma menina sensível, com um poder telepático; e Míriam, uma bela jornalista, noiva de Fernando, que irá se encantar por Rodrigo assim que conhecê-lo, sem nem suspeitar que ele é Carlos Borges, filho desaparecido de Verbena”. Fonte: <http://resumo-das-novelas.com/personagens/historia-elenco-atores-e-personagens-de-amor-eterno-amor/>

⁶ (Fonte: <http://resumo-das-novelas.com/personagens/historia-elenco-atores-e-personagens-de-amor-eterno-amor/>)

A criança desaparecida

A novela narra o drama da criança desaparecida. Trata-se da trajetória de um menino que foi roubado do convívio com a sua família, em especial a sua mãe Verbena, colocando no centro da trama o clássico drama das origens e da busca pela identidade. Aqui destacamos um modo de endereçamento que articula também uma estratégia de ação socioeducativa que coloca em pauta o debate sobre o tráfico de pessoas com a veiculação de uma campanha para a *FIA – Fundação para a Infância e a Adolescência* ao término de todo capítulo, com a difusão de fotografias em formato de cartazes com informações sobre crianças desaparecidas e telefones para contato e/ou denúncia.

Na medida em que narra à história de Rodrigo e as buscas que são tanto as suas (pessoais) quanto estruturais (familiares, polícia) a novela está desempenhando o seu papel no agendamento de temáticas com relevância social, uma prática que já se caracteriza como uma prática recorrente na telenovela brasileira. Aqui se reafirma a prática do “merchandising social”, que segundo os produtores da Rede Globo, hoje é nomeada como estratégia de ação socioeducativa. Neste sentido a Rede Globo busca preencher um duplo espaço: o do entretenimento e da militância e engajamento em temáticas políticas.

O amor na infância

Outro modo de endereçamento observado em *Amor eterno amor* é o protagonismo infantil no exercício do amor romântico na infância. E neste aspecto, esta estratégia narrativa também está em debate na telenovela *Avenida Brasil* cuja narrativa articula as histórias de Nina e Jorginho, cujo casamento se deu na infância em forma de brincadeira. A localização do sentimento amoroso na infância é um dado interessante de observação. Merece inclusive um aprofundamento que não poderemos alcançar aqui. Hoje, com o maior acesso à internet e toda a oferta de informação pela rede mundial de computadores sabe-se que a criança está exposta a um conjunto ampliado de textualidades que não foram produzidas para ela. Uma vez que a mídia tem no erotismo uma das suas principais formas de mobilização das audiências (Silverstone, 2002), resta indagar sobre os modos como este apelo erótico incide sobre a programação, no nosso caso a infantil. No presente momento é possível observar que a telenovela tem sugerido uma evidência das práticas de amor e erotismo na infância com juras eternas e casamentos e buscas ao longo de toda uma vida dos relacionamentos iniciados na infância. Quais as consequências da ampliação das práticas de amor e erotismo

nas representações sociais da infância é algo que precisamos levantar com pesquisas sobre o tema. Por ora apenas destacamos que há a emergência desta sugestão no conjunto das telenovelas que estão no ar.

Ao longo dos capítulos houve também o conflito geracional colocado em pauta pelo desaparecimento de dois adolescentes apaixonados (Laís e Julinho) que planejaram a fuga para poder viver o seu relacionamento. O desaparecimento dos adolescentes e todo o tempo tratado como “as crianças” e juntos os personagens correlatos rezam para que as mesmas sejam encontradas.

Mediunidade como protagonismo

A novela *Amor eterno amor* é uma narrativa de espiritualidade (espiritismo e paranormalidade) e reservou um lugar privilegiado para a representação da criança, aquele que a coloca como o sujeito dotado de mediunidade. Há várias obras de ficção que localizam este tipo de protagonismo para a criança: a sua capacidade sensitiva com relação às entidades espirituais. Filmes como *O sexto sentido* e *Asas do desejo*, por exemplo, sugerem que a criança é dotada deste tipo de capacidade de vidência. A menina Carla (interpretada pela atriz Klara Castanho) tem uma participação significativa no conjunto da trama e a ela é reservado e espaço de diálogo com os espíritos, em especial Lexor, um espírito masculino de luz que informa os caminhos das personagens e seus destinos.

A condição mediúnica de Clara a coloca em um espaço central da trama o que torna a sua participação não apenas frequente, mas também curiosa (bizarra), no sentido de que suscita a curiosidade do próprio público infantil junto às demandas dos adultos.

Conclusões

A partir das reflexões apresentadas neste artigo podemos levar em conta que há uma necessidade cada vez maior de monitorar e observar a programação televisiva para a criança. Isto porque acreditamos que é preciso unir esforços para defender uma programação de qualidade para um público em formação e que visivelmente, na programação da atual grade no contexto da televisão brasileira a criança tem sido

contemplada apenas de forma indireta, pelas vias de uma programação que de fato, não tem sido planejada para ela.

Outra questão relevante que o monitoramento pode apontar é em relação às mudanças do lugar social da criança em temas que até então estavam reservados ao público adulto, como o amor, o erotismo e a espiritualidade, por exemplo. A identificação de mudanças nos modos de representação do protagonismo infantil nas narrativas da teledramaturgia brasileira também auxilia na leitura das transformações socioculturais as quais as crianças estão expostas e oferecem pistas para que educadores e familiares possam se posicionar nas suas práticas de formação e educação das crianças e adolescentes no contexto cultural contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Luis Enrique. **La era del consumo**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2005.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BUCKIGHAM, David. **Crescer na era das mídias**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna. **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. São Paulo: Artmed, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. **‘Infantia: entre a anterioridade e a alteridade’**. In SOUTO, Kely; SOUZA, Marco; TOSTA, Sandra; VIANNA, Graziela; RIBEIRO, Ruth (orgs.) *A infância na mídia*. Belo Horizonte: Atêntica, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LOPES, Maria Immacolata V. **‘Transmediação, plataformas múltiplas, colaboratividade e criatividade na ficção televisiva brasileira’** in LOPES, MIV. (et al) *Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

OROZCO GOMÉZ, Guillermo. **Televisión, audiências y educación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2007.

RIBES PEREIRA, Rita Marisa e BIZZO, Kátia de Sousa e Almeida. ‘**As crianças e a telenovela**’ in LOPES, MIV. (et al) Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2009.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Edições Loyola, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Television, technology and cultural form**. New York: Schocken Books, 1975.